

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Clima, Salubridade e Povoamento da Amazônia no Século XIX

Hideraldo Lima da Costa*

Resumo: O clima amazônico teve uma dimensão importante nos destinos da Província do Amazonas. Os postulados veiculados pelos viajantes do século XIX colocaram em xeque as teses que detravam a América. Médicos e engenheiros nacionais, que trabalharam na Amazônia, participaram desse debate formulando respostas aos problemas enfrentados pela região.

Palavras chaves – Amazônia, Clima, povoamento

Abstract: Abstract: The climate from the Amazon region had an important dimension on the destiny of the province of the Amazon. The postulates transmitted by the travelers of the 19th century put in check theories that defamed America. National doctors and engineers, that worked in the Amazon region, took part in this discussion making solutions for the problems faced by the region.

Key words: Amazon, climate, settlement.

1. Clima da Amazônia: viabilidade do povoamento nos trópicos – defensores externos

Definir a identidade climática do Brasil como um todo acabava por se tornar parte da solução para o problema capital que o império brasileiro estava enfrentando: o fim da escravidão negra. Se o clima do Brasil como um todo era tido como inóspito, abrasador, e suas terras e rios como insalubres, esses adjetivos quando aplicados à região amazônica eram multiplicados ao máximo, tornando a região, discursivamente, inabitável.

A discussão sobre o clima da Amazônia foi sendo construída desde o século XVII. No século XIX, o debate teve continuidade a partir das obras de exploradores, viajantes, naturalistas. Os nacionais, representados por engenheiros e médicos, participaram desse debate. Sendo a Amazônia parte do mundo tropical e sabendo-se das críticas feitas a América equatorial, parece paradoxal que os viajantes, quando se reportavam sobre o clima da região, tenham se revelado extremamente favoráveis, colocando em xeque as teorias elaboradas nos gabinetes no século XVIII.

* Doutor, Professor Adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da UFAM

A postura mais radical de defesa do clima foi feita pelo Tenente da Marinha dos EUA, Matthew Fontaine Maury, que, nas palavras de Nícia Vilela Luz congregava em sua personalidade “um misto de cientista, visionário e homem de negócios” (1968:52). O tenente defendia a imediata liberdade de navegação, mas, contraditoriamente aos princípios de sua postura liberal, propôs formar uma empresa que deveria atuar na região, em regime de monopólio por vinte anos. (LUZ, 1968:)

Seus artigos, publicados originalmente nos jornais no sul dos Estados Unidos e, posteriormente, traduzidos para o espanhol e português, sendo publicados no Brasil ainda em 1853. Em seu relato, o Tenente afirma que “a política do comércio, e não a da conquista, é a política dos Estados Unidos” (MAURY, 1853:4) chamando atenção para os benefícios que o comércio poderia trazer para os povos civilizados ao se percorrer o Amazonas e as encostas da América Meridional.

O país regado pelo Amazonas, uma vez desinçado dos selvagens e animais ferozes e sujeito a sua cultura, seria capaz de sustentar com os seus produtos a população inteira do mundo. (MAURY, 1853:4)

reina ali um verão inalterável em uma perpétua sucessão de searas (...) É na encosta atlântica da América Meridional, no vale do Amazonas e do Prata, que a natureza liberalizou todos os seus dons em pasmosa variedade. Ali o reino vegetal ostenta toda a sua magnificência e grandeza; e ali também se mostra o reino mineral em toda a sua riqueza e deslumbrante esplendor. (MAURY, 1853:6)

Ao analisar o clima da região comparando-o com o de outros lugares que conheceu, unindo, nesse esforço, teoria e prática, refutou, a partir de sua experiência prática, as teorias que apregoavam ser o Vale do Amazonas inóspita ao homem.

Em todas as outras regiões intertropicais do globo na Índia, na África Ocidental, na Nova Holanda e na Polinésia, o ano divide-se em estação chuvosa e estação seca; e durante esta última cai bem pouca ou nenhuma chuva; secam-se as fontes, perece o gado, e os corpos mortos contaminam o ar. Então acontece também aparecer naqueles países o terrível mal da peste. Não é porém assim no Vale do Amazonas. Ali as chuvas, bem que copiosas não caem somente dentro de poucos meses, nem são acompanhadas dos terríveis tufões e turbilhões de vento que se levantam com cada mudança de estação na Índia. Na América brandas e fecundantes chuvas caem em todos os tempos do ano, e os tufões raras vezes se levantam. (MAURY, 1853: 7)

Maury, sem ter vindo à Amazônia, desenvolveu teses centradas no racionalismo sem perder de vista a perspectiva utilitarista. Já os cientistas europeus, que também apresentavam propostas expansionistas, defenderam idéias correlatas às do tenente norte-americano no tocante ao clima e ao potencial econômico da região. Contudo, discordavam quanto aos colonizadores que deveriam povoar o deserto amazônico. Para Maury, a Amazônia deveria ser a pátria dos negros escravos do sul dos Estados Unidos. Para os outros viajantes, a região deveria receber uma população livre, se possível européia. Maury, ao acreditar nas

teses racista e na superioridade da raça branca, no seu projeto expansionista via a Amazônia como o “habitat natural do homem negro e do negro escravo”. (LUZ, 1968, p, 58).

No ano de 1853, o Dr. João Batista de Castro Moraes Antas, respondeu as idéias do tenente Maury afirmando que deveriam ser levadas na “*mais alta consideração*, [devendo-se] analisar cada uma das suas proposições capitais, entrar na discussão do direito que se pode ter para impor-se a força a felicidade ao Peru, a Bolívia e ao Brasil”(ANTAS,1854:4). Tendo mensurado a dimensão do problema, seus argumentos ficaram entre o impasse diplomático, chegando a invocar a ajuda de outros países pois “seria preciso chamar a atenção do mundo civilizado para esse sistema de conquista por absorção, que começa a caracterizar alguns espíritos nos Estados Unidos do Norte.” Os problemas existentes nas teses de M. F. Maury eram de natureza política e, para usarmos uma expressão militar contemporânea, de segurança nacional, dada à nitidez de suas idéias expansionistas. Antas deixou claro que o império brasileiro não estava preparado para enfrentar esta discussão.

Outros viajantes estrangeiros, indicaram o clima da região como propício ao povoamento, criticando o governo imperial pela adoção de uma política de porta fechada. Mas, suas críticas formuladas de modo sutil e, diferentemente do tenente Maury, acreditavam que o trabalho livre poderia redimir o passado da região e colocá-la a altura de seu futuro, que acreditavam ser de êxito.

O inglês Henry Bates (1848-1859) ao concluir que mesmo estando na zona equatorial, o calor não era excessivo e nem as chuvas eram tão pesadas, pois,

Embora muito próxima do Equador (1° 28' lat. sul), o seu clima não é excessivamente quente. Num período de três anos a temperatura ali só chegou a 95° Fahrenheit uma única vez. Na hora mais quente do dia – cerca de duas horas da tarde – a temperatura geralmente oscila entre 89° e 94°, mas por outro lado nunca desce abaixo de 73°, de forma que de um modo geral prevalece uma temperatura alta, sendo que a média anual é de 81° Fahrenheit. Os norte-americanos residentes na região afirmam que o calor ali não é tão opressivo quanto em Nova York e Filadélfia no verão. É claro que a umidade é excessiva, mas as chuvas não são tão pesadas nem tão contínuas, na estação das águas, quanto em outros climas tropicais. (BATES, 1989:22).

A boa impressão que o clima da região causou nos viajantes estrangeiros chegou ao seu clímax com o próprio Bates

a temperatura é amena, o permanente verdor da vegetação, a frescura da estação da seca, quando o calor do sol é abrandado pelas fortes brisas marinhas, bem como a moderação das chuvas periódica torna o seu clima um dos mais privilegiados da face da terra. (BATES, 1989, P. 23)

Essa conotação positiva do clima feita por Bates, Wallace e outros, virou parte de uma polêmica nacional no início do século XX quando Euclides da Cunha veio para a Amazônia e o vivenciou. Incomodado com o calor, Euclides não poupou palavras de contestações às afirmativas dos defensores da amenidade do clima amazônico.

O também inglês Alfred Wallace (1848-1852), teceu considerações similares ao seu conterrâneo com o intuito de mostrar ao mundo científico que o clima dos trópicos não era pernicioso à saúde. Wallace o qualificou da seguinte forma: “Tanto quanto o experimentamos, o clima esteve excelente. O termômetro não ultrapassou a marca dos 87° F à tarde, nem baixou a menos de 74° F durante a noite. Pela manhã e pelo anoitecer a temperatura esteve agradavelmente fresca.” (WALLACE, 1989: 24)

No tocante ao sereno dos trópicos tido como nocivo, o viajante constatou a inverdade da assertiva ao narrar que as senhoras ficavam até as nove horas da noite com a cabeça descoberta “sem a menor preocupação com os ares da noite e o denso sereno dos trópicos, que nos acostumamos a considerar como deveras nocivo à saúde”. (WALLACE, 1989:24).

Como se vê dos vários excertos dos viajantes do século XIX, seus argumentos negaram os escritos tidos por científicos de intelectuais renomados na Europa do século anterior. A atitude dos cientistas do século XIX foi de fundamental importância por ter que comprovar empiricamente para transformar o que viam e experimentavam em verdades científicas. Segundo Karen Lisboa,

Os naturalistas do século XVIII, que espalharam as imagens da inferioridade natural do continente americano, os estudiosos do início do século XIX saem de seus gabinetes naturalistas para perscrutar com os próprios olhos a totalidade dos fenômenos naturais e, por meio da empiria, provar, refutar, ou reformular as teses anteriormente concebidas. (LISBOA, 1997:111)

2. Clima da Amazônia: viabilidade do povoamento nos trópicos – defensores internos

Em nível interno, a viabilidade ocupação da Amazônia fazia parte da pauta de discussões do império. Os interessados na questão, dispunham de um veículo com poder de formar e influenciar a opinião nacional: as publicações e os debates desenvolvidos no interior da Academia Imperial de Medicina (AIM).

O médico Dr. Antonio David Vasconcellos Canavarro, inspetor da saúde pública da Província do Amazonas, enviou um trabalho memória sobre as febres intermitentes paludosas reinantes no Vale do Amazonas, e especialmente nos rios Madeira e Negro, e bem assim suas causas e tratamento, no ano de 1863 a fim de ser publicado naquele órgão.

A *memória* do Dr. Canavarro foi analisada pelo Dr. José Pereira Rego. Dos excertos comentados por Pereira Rego, percebe-se a concepção teórica do médico que acreditava que a manifestação das moléstias, tinha como agentes causadores os miasmas, teoria em voga entre os médicos brasileiros. O Dr. Canavarro avaliava que sobre o Vale do Amazonas e dos rios Negro e Madeira, “que as febres intermitentes são ali a consequência da má alimentação de que usam seus habitantes, da má disposição destes e dos miasmas de que vivem cercados pela péssima disposição do solo que habitam, pela maior parte pantanoso. (REGO, 1863: 247).

O engenheiro João Martins da Silva Coutinho, apresentou também seus argumentos à Academia publicando no ano de 1862, nos Annaes da AIM sua *Breve Notícia Sobre as Epidemias no Vale do Amazonas*.

Silva Coutinho, favorável à salubridade e habitabilidade do vale do Amazonas argumentava que só aos céticos é lícito acreditar que “*não é de hoje que o Vale do Amazonas é julgado país insalubre.*” (COUTINHO, 1862:144). Essa idéia acabou sendo reforçada por outros viajantes que “robusteceram a opinião e hoje não há quem duvide da insalubridade deste país”. (COUTINHO, 1862:144) Essas opiniões foram ecoando Império adentro, estabelecendo-se no Senado no ano de 1857, num momento em que se discutia a vinda de migrantes para as províncias do extremo Norte, no Pará, assunto tratado pelo Conselheiro Pedreira. A difamação da região chegou a ser pauta das discussões no Senado e lá alguns defendiam idéia de que “*os rios do Pará são tão insalubres, que nem os próprios animais podem viver em suas margens*”. (COUTINHO, 1862:144).

Preocupado, Silva Coutinho avaliava o peso da repercussão dessas idéias emitidas por um Senador médico. O engenheiro acreditava que “devia causar grande impressão, transformando em axioma, uma idéia, que até então era admitida em grande parte sem fundamento”. Na tentativa de desfazer o desconhecimento sobre a região, publicou seu trabalho na AIM, um dos centros de debate mais influentes do Império juntamente com o IHGB. Essa sua atitude pode ser entendida como política motivada pela crença de tentar reverter uma imagem sobre a região, com a qual não comungava. Tentava ainda influenciar a vinda de investimentos e também direcionar uma política de migração em favor da Amazônia num cenário político extremamente adverso.

O extrativismo, ao se impor como principal atividade econômica na região forçou a discussão sobre o povoamento como uma das prioridades. Diversas foram as vezes que clamavam pela migração estrangeira como solução para Amazônia. Dentro dessa conjuntura

é que no ano de 1889, veio a lume a obra *Apontamentos para a Climatologia do Vale do Amazonas*, do engenheiro Torquato Xavier Monteiro Tapajós.

Torquato Tapajós, amazonense, membro da Sociedade Nacional de Medicina, antiga AIM, por seus serviços prestados como engenheiro sanitarista na capital do Império e, depois, da República. Tapajós preocupou-se em demonstrar, empiricamente, a conexão entre conhecimento do clima e salubridade de uma região como uma das condições para viabilizar um movimento de povoamento,

“Por que o desejemos ardentemente em relação ao Vale do Amazonas, não sacrificaremos a verdade – único instrumento capaz de transformações sublimes, como as de que nos fala a história da humanidade: a treva na luz; o falso no verdadeiro. Arrancando aquelas solidões ao domínio exclusivo do desconhecido, o nosso fim estará plenamente conseguido. (TAPAJÓS, 1889: 27)

Tapajós discutiu a formação do vale amazônico em seu aspecto geográfico, geológico e hidrográfico e ainda a diversidade dos climas equatoriais, anotando as diferenças climáticas existentes entre a Província do Pará e a do Amazonas.

No tocante ao clima, especificamente sobre o *ar* existente na Amazônia, tido como um dos elementos que viciava o meio, rebateu essas teses retomando os estudos de M. F. Maury. As conclusões de Maury sobre a região, nos anos de 1850, foram usadas como pontos favoráveis acerca do clima, dos ventos, da floresta, variações da pressão atmosférica, distribuição da umidade, da salubridade e das condições de habitabilidade da região, qualidades atribuídas por alguém sem vínculos afetivos com a Amazônia, aumentando ainda mais a credibilidade das análises feita pelo engenheiro amazonense em sua obra.

Outro postulado importante na obra do engenheiro é quando aponta como a melhoria tecnológica poderia ser um componente aliado do homem capaz de modificar o meio em seu benefício rompendo dessa forma com a tese do determinismo geográfico, idéia corrente a época.

Trabalhem todos por dotar nossa pátria com todas as grandes reformas que preparam as nações para as festas do futuro; abramos nosso seio ao estrangeiro; demos-lhe todas as possíveis regalias – com os ensinamentos e conselhos que se fazem necessários à sua perfeita adaptação ao nosso meio; estudemos nossa pátria e mostremo-la aos olhos de todos como em verdade ela é: só assim teremos todos bem cumprido o nosso dever. (TAPAJÓS, 1889:147).

Sem querer alongar a análise contida na obra de Torquato Tapajós passemos agora para os objetivos explícitos contidos na obra, os quais o autor não os pretendeu esconder:

O povoamento da Província do Amazonas, dir-nos-ão, ainda assim é um problema a resolver. Pois bem; será – mas [...]. É preciso que a verdade seja conhecida . E Este livro a diz.

A Província do Amazonas oferece todas as necessárias condições para ser o centro de um forte movimento de populações. Todas as raças, todas as indústrias, encontram ali elementos de vida e de prosperidade. (TAPAJÓS, 1889:147).

Quando Humboldt escrevera que na Amazônia, “*mais cedo ou mais tarde se há de concentrar um dia a civilização do globo*” (apud TAPAJÓS, 1889:148) suas palavras foram citadas por gerações de viajantes afora como sendo uma profecia, seus ecos ainda podem ser ouvidos hoje em pleno século XXI. Já quando Torquato Tapajós as enunciava, estava dada a dependência industrial do país em escala mundial, ainda que a matéria prima mais demandada do globo, a borracha, estivesse circunscrita à Amazônia. Novos tempos se avizinhavam e os países do capitalismo central já estavam adotando medidas para romper com a dependência de ser a Amazônia a única fornecedora da matéria-prima mais disputada na Era dos Impérios.

O futuro grandioso, havia se tornado realidade para alguns e cobrava um custo bastante alto para todos. No auge do boom da economia gomífera não só a malária ceifou dezenas de milhares de vida de homens e mulheres que passaram a habitar nas florestas, rios e nas capitais, Manaus e Belém. Uma série de outras doenças acabou por transformar a região, mesmo contra as negativas de Tapajós, num cemitério não mais exclusivo só de europeus.

No agonizar da monarquia brasileira a realidade profetizada por Humboldt tornava-se realidade. A população, a nacional, nordestinos na sua imensa maioria, começava a afluir em grande quantidade. Médicos e engenheiros estavam, paulatinamente, se estabelecendo e, juntamente com essa nova realidade convulsionada, surtos de doenças epidêmicas como o beri-beri, a tísica, a febre amarela, além da malária, fincavam raízes, muito mais em função dos desequilíbrios ecológicos do que dos miasmas, definitivamente desacreditados com o avanço da medicina experimental. Outros tempos, novas explicações para as doenças que ainda teimam em não ceder ante aos avanços tecnológicos, às discussões e explicações das teorias médicas modernas sobre suas manifestações. A ciência experimental era a nova corrente médica que explicava os antigos males que teimavam em continuar acometendo os corpos à medida que se degradava o meio.

Referências bibliográficas e documentais:

ANTAS, João Batista de Castro Moraes. *O Amazonas: breve resposta à memória do Tenente da Armada Americana-Inglesa F. Maury, sobre as vantagens da livre navegação do Amazonas*. Rio de Janeiro, 1854.

BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. São Paulo: Edusp/Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

CANAVARRO, Antonio David Vasconcelos de “Itinerário da viagem que fez o dr. Antonio David Vasconcelos de Canavarro, inspetor da Saúde Pública, ao Rio Negro à bordo do navio de guerra Pirajá, partindo de Manaus, capital da província do Amazonas, até o lugar denominado Chibarú, e dali em diante em canoa à fronteira de Cucuhy.” Manuscrito, 1862, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

COUTINHO, J. M. da Silva. *Breve Notícia Sobre as Epidemias no Vale do Amazonas*. In Annaes Brasiliense de Medicina, Rio de Janeiro, 1862.

GERBI, Antonelo. *O Novo Mundo: História de uma polêmica 1750-1900*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: HUCITEC/Fapesp, 1997

LUZ, Nícia Vilela. *A Amazônia para os negros americanos*. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

MAURY, Matthey F. *O Amazonas e as costas atlânticas da América Meridional, pelo tenente da Armada dos Estados Unidos F. Maury*. Rio de Janeiro, 1853.

REGO, Dr. José Pereira. Relatório do Sr. José Pereira Rego sobre a memória do Sr. Dr. Antonio David Vasconcellos de Canavarro, sobre as febres intermitentes paludosas reinantes no Valle do Amazonas, etc, lido na sessão de 14/09/1863. In Annaes Brasiliense de Medicina, Rio de Janeiro, 1863.

TAPAJÓS, Torquato Xavier Monteiro. *Apontamentos para a Climatologia do Vale do Amazonas*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1889.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. São Paulo: Edusp/Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.